

ABORDAGEM HISTÓRICA DO ESCORPIONISMO REGISTRADO NO CENTRO DE CONTROLE DE INTOXICAÇÕES DE MARINGÁ

Débora Lachner (DBI – UEM), Aline Vanessa Rosa (DBI – UEM), Erivelto Goulart (coorientador), Magda Lucia Felix de Oliveira (coordenadora do projeto), micoleao@wnet.com.br.

Universidade Estadual de Maringá / Hospital Universitário Regional de Maringá
Maringá – PR

Área temática: saúde

Palavras-chave: escorpiões, Maringá, Centro de Controle de Intoxicações.

Escorpiões são artrópodes quelicerados, pertencentes ao Filo Arthropoda, Classe Arachnida e Ordem Scorpiones. São chamados animais peçonhentos por possuírem estruturas inoculadoras de peçonha em outros seres vivos, inclusive no homem. Escorpionismo é, então, o quadro de empeçonhamento humano causado pela toxina desses animais. Algumas espécies de escorpião são ditas de interesse médico, pela alta toxicidade da sua peçonha, sendo capazes de causar sérias injúrias ao ser humano, podendo, até mesmo, levar à morte. No Brasil, constituem sério problema de saúde pública, pois os acidentes com esses aracnídeos são potencializados pela alta adaptabilidade dos mesmos a ambientes antropizados, pelo desequilíbrio ambiental e problemas da infra-estrutura urbana. No País, são conhecidas mais de 90 espécies escorpiões, entre elas, o *Tityus serrulatus*, conhecido como escorpião amarelo, é o principal responsável pela maioria dos acidentes fatais registrados. O *Tityus bahiensis*, chamado de escorpião marrom, apresenta peçonha menos tóxica. Além destes, espécies do gênero *Bothriurus* apresentam grande número de casos, mas sua gravidade é baixa. Na região de Maringá são encontrados principalmente indivíduos dessas espécies. No tocante a animais peçonhentos, o Centro de Controle de Intoxicações de Maringá (CCI/HUM) presta trabalhos à comunidade quanto à identificação dos animais que são levados ao Centro e orientações para saúde e segurança dos requisitantes. O presente trabalho buscou a análise e caracterização dos casos com escorpiões identificados no período de 2004 a 2008 no CCI/HUM, considerando ano e a espécie com maior freqüência de ocorrência e acidente, além da distribuição sazonal dessas. O ano foi dividido em duas estações verão (setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro) e inverno (março, abril, maio, junho, julho e agosto). Para isso, foram analisados os relatórios anuais de cada ano do referido período, classificando os respectivos dados. Foi observado o total de 94 ocorrências, das quais 61,7% (58) foram casos de acidentes. O ano com maior número de registros foi o de 2006, com 30,8%, seguido pelos anos 2008 (20,2%), 2007, 2005 (ambos 17,0%) e 2004 (14,8%). O ano de 2006 também obteve a mais alta taxa de acidentes, com 32,7%, seguido por 2007 (20,6%), 2008 (18,9%), 2005 (17,2%) e 2004 (12,0%). Quanto aos animais, o gênero *Bothriurus* foi aquele com maior quantidade de identificações no período (55,3%), no entanto, a espécie *Tityus serrulatus* apresentou a mais alta taxa de acidente (48,2%). Já *Tityus*

bahiensis obteve taxas baixas de ocorrência e de acidente (2,1% e 3,4%, respectivamente). A distribuição sazonal das ocorrências se deu da seguinte maneira: verão com 68,0% e inverno com 32,0%. Acredita-se que tal fato seja consequência do clima favorável à sobrevivência, além de ser uma estação com maior abundância de alimentos, o que favorece a proliferação desses animais. Conclui-se, assim, que o ano de 2006 foi o ano com maior incidência de registros e que a espécie com maior frequência de acidentes é *Tityus serrulatus*, o que revela a gravidade da maioria dos acidentes com escorpiões identificados no CCI/HUM. Além disso, a distribuição sazonal das ocorrências segue o padrão esperado de altas taxas no verão.